

O Bêbado Equilibrista

Cristiano Melo

ELE

Verdes, azuis, laranjas, vermelhos, brancos, pequenos, grandes, ovais, redondos, capsulares, amargos, sem gosto... Pareciam até uma sopa de letrinhas disformes, tudo de uma só vez com um pouco de água da torneira e um telefonema “Cuide dos nossos cães, por favor”, conseguia balbuciar antes de deixar o telefone cair ao lado de seu corpo nu peludo de um homem de trinta anos. “Acorde, acorde! Se você quiser transformar a sua vida em merda faça, mas não faça a minha” gritava alguém de quarenta anos, ao tentar lhe acordar, em vão. Uma luz no seu olho tentava ver a dilatação da pupila, enquanto sorria e mexia os lábios para dizer “Peraí, eu tô bem”, mas saíam apenas ruídos estranhos em meio à saliva grossa que não deixava de escorrer pelo rosto “Que nojo”, pensava. Tentava contar as luzes que passavam no teto, enquanto o levavam numa maca para uma sala de Unidade de Terapia Intensiva, a tal de UTI, “Deve ser mais uma sigla inventada pelos ianques norte-americanos”, pensava. E rapidamente foi cercado por várias pessoas que vestiam branco, desconhecidas e com aspecto de estarem preocupadas e apressadas, “Calma, gente, eu estou bem, e quem são vocês?”, tentava em vão pronunciar palavras e só saíam ganidos. Enfiaram sonda no seu nariz para ir direto ao estômago, enquanto circundavam o braço e tomavam seu pulso. Injetavam algum líquido pela sonda e depois aspiravam, ele sentia tudo, doía muito e não conseguia se mexer ou falar, só acompanhava com os olhos, enfim algum deles confidencia ao ouvido dele que havia injetado algo para dormir. Apagou no mesmo instante.

ELA

Havia muito tempo, Márcia e Alfredo, eram os amigos mais unidos na faculdade. Faziam

tudo junto, desde lanchar na cantina até pesquisas acadêmicas e apresentações científicas em Congressos de outros estados. Conviviam mais do que com qualquer outro membro da família ou outra pessoa. Passavam a manhã e a tarde na faculdade e estudavam à noite ou iam a um barzinho na orla da Praia de Iracema em Fortaleza para conversar sobre amenidades, nunca faltava assunto. Causava uma pontinha de ciúmes ou até inveja nos outros colegas de curso. Cursavam Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Ceará no início da década de noventa do século vinte.

Vivia-se um momento ímpar no Brasil, pois haveria a primeira eleição presidencial num processo democrático, depois de tantos anos em ditadura militar. Ele era de esquerda e ela de direita, com seu pai sendo militar reformado. Discutiam muito por isto, mas sempre com argumentos plausíveis de ambos o que só trazia admiração mútua. Alfredo invadiu, junto com alguns colegas de outros cursos, a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, para garantir que os reitores fossem eleitos e não escolhidos como era até o momento, com direito a greve de fome e retirada à força por policiais. Márcia o recebia com aquela cara de quem diz não tem jeito mesmo...

Fernando Collor de Mello ganhou as eleições presidenciais, este o candidato da Márcia, enquanto o dele, Roberto Freire fora muito pouco votado.

Todos tinham certeza que namoravam, chegava até ser engraçado, pois nos convites sempre colocavam os nomes juntos, e deveria ser pertinente, pois, tratavam-se como tal, com direito a ceninhas de ciúmes dos dois. Em tudo era equilibrado, até nas discussões. Ambos namoravam, o dela morava no Rio de Janeiro e a dele, sempre ia lhe buscar na faculdade e que ela não gostava muito por causa do já dito ciúme. Tão pouco ele curtiava vê-la empolgada quando o seu namorado de longe vinha visitá-la, era uma temporada sem Márcia por perto e mais um outro tempo dele emburrado. “Espere, aonde você vai?” Bradou com ira e candura apertando o seu braço, tão forte, deixando-o sem sangue e depois soltou, e registrou a pressão dele por meio do computador que o enfermeiro anotava os dados numa prancheta de hora em hora, quando era momento da correia ao redor de seu braço se encher de ar e aferir a pressão sanguínea.

O ANJO E O BÊBADO

Acordou enfim, nos braços de um anjo, que lhe levava a algum lugar, longe de tudo aquilo, da tal UTI e de sua ridícula vida. Foi com o tal anjo, deveria ser um, pois tinha asas e cabelinho cacheados e dourados. Não sabia ao certo, mas foi. Não poderia fazer nada e se entregou... Pela primeira vez em sua vida, ou talvez, não fosse mais vida e finalmente poderia ser quem realmente fosse, sem saber quem era, mas talvez, agora, descobrisse. Descobriu e acordou na sarjeta com vômito da cachaça regurgitada ao seu redor.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-bebado-equilibrista>